

BLOOMSDAY IN RIO

Joyce com Lacan

Página 12, linha 14: onde se lê 1932, leia-se 1922.

Página 14, linha 03: onde se lê Joyce não cobra muito pouco, leia-se Joyce cobra muito pouco.

Página 43, linhas 09 e 10: onde se lê 1932, leia-se 1922.

Página 186, linha 10: onde se lê O artista, leia-se um artista.

Página 186, linhas 15 e 16: onde se lê a obra de Joyce é um tecido de epifanias, tecido borromeamente? (Lacan, 1975-76/2007, p. 149), leia-se podemos dizer que “a obra de Joyce é um tecido de epifanias, tecido borromeamente” (Lacan, 1975-76/2007, p.149)

Página 186, linhas 17, 18 e 19: suprimir a frase “em reposta ao fato de que, os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (RSI) não se amarram de forma borromeana.

Página 186, linhas 22 e 23: onde se lê “É porque ele acha os seus limites, que pode-se falar de nó, leia-se “porque ele acha os seus limites, que pode-se falar de nó” (Lacan, J. 1975-76/2007, p.164).

Página 186, linha 26: suprimir o trecho (não é melhor colocar a referência no corpo do texto?).

mente pelo espírito” (Joyce, p. 225). Instante em que Joyce amarra os registros soltos e deles faz um nó, que fura o Real e o nomeia como O artista. Nos termos de Lacan, “a epifania faz com que inconsciente e real se enodem” (Lacan, 1975-76, p. 151).

A epifania joyciana é uma técnica elaborada a partir de fragmentos de diálogos recolhidos e de restos da cultura irlandesa, os quais “ativam mais por seu caráter enigmático, que por seu valor poético”, diz Millot (1993, p. 144). Essa forma de escrita lhe traz a certeza de que ele é um artista, como no diálogo encontrado em *Ulisses* (1922): “Lembre-se das suas epifanias, [...]: enviá-las, em caso de morte, a todas as grandes bibliotecas do mundo, inclusive a de Alexandria” (Joyce, p. 69).

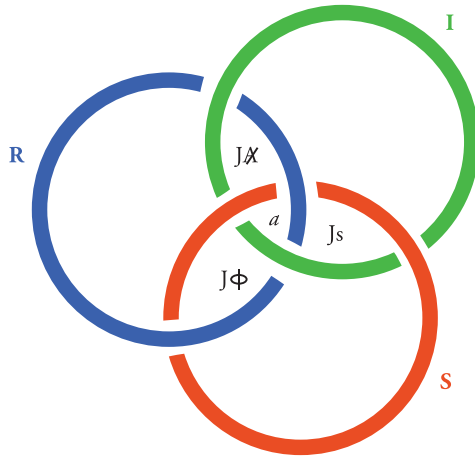
Podemos dizer que “a obra de Joyce é um tecido de epifanias, tecido borromeamente” (Lacan, 1975-76/2007, p. 149), em resposta ao fato de que, os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (RSI) não se amarram de forma borromeana. Lacan parte da hipótese de que há uma falha na amarração dos registros em que o Imaginário está solto. E, quando ele escreve, passa por uma relação de enquadramento e de contenção do pensamento: “É porque ele acha os seus limites, que pode-se falar de nó.” (Lacan, 1975-76/2007, p.164).

Assim, “a escrita é essencial para o seu ego” (1975-76, p. 143), pois, para que advenha “a ideia de si como um corpo”⁷, deve-se fazer a passagem da imagem do corpo fragmentado para a do corpo unificado, e isso “tem um peso”. “É precisamente o que chamamos de ego”. Joyce, com seu ego de artista, ego *correcteur*, corrige sua falha do nó (Lacan, 1975-76, pp.147-148).

7. Idem, p. 146

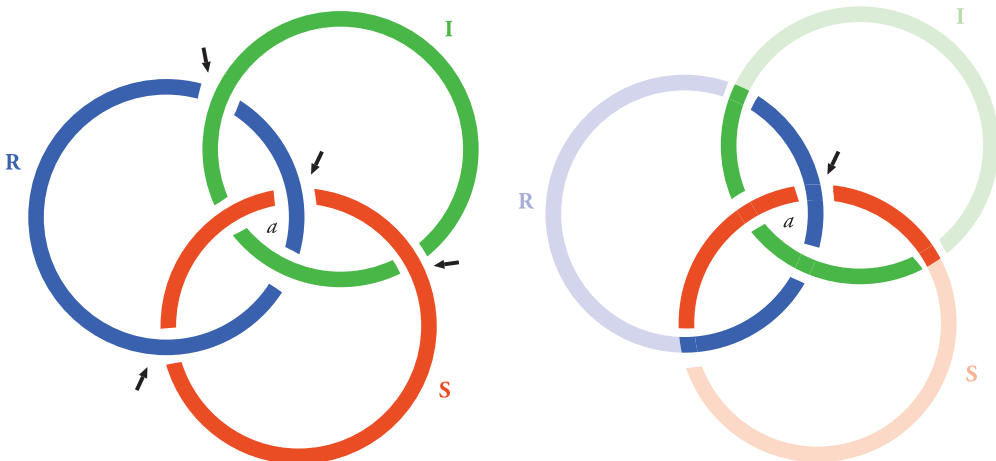
Página 117

Figura 1. Nó borromeano com 3 cores, localização dos gozos e com a posição do “a”



Página 127

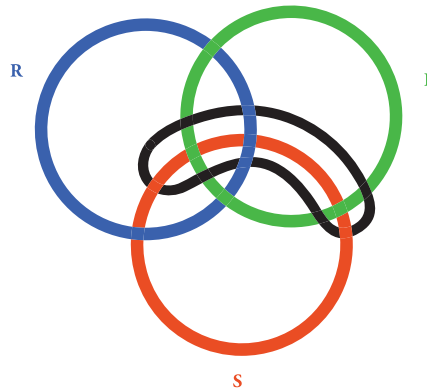
Figura 3. NBo3



1. Conferência apresentada por Rithée Cevasco em 19 de junho de 2021, no Bloomsday, realizado *on-line*, por Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ.

Página 127

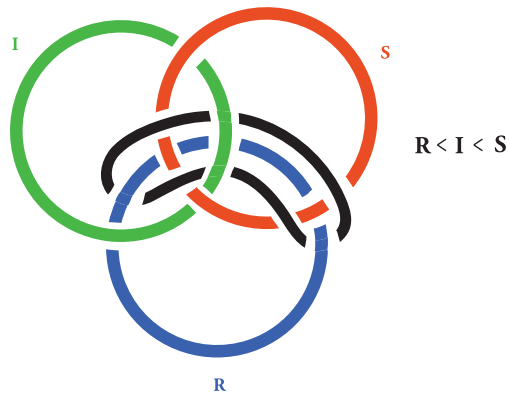
Figura 4. NBo4



Página 129

Figura 5. NBo4

Nó Freudiano

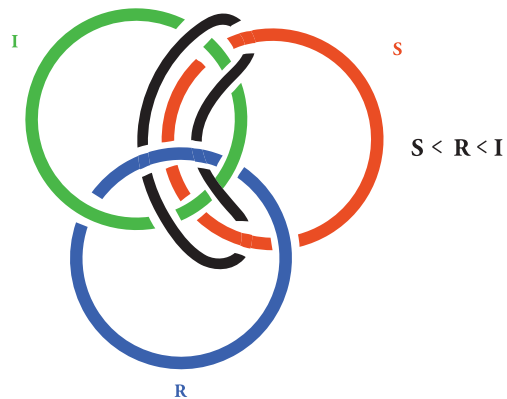


Fonte: Lacan. *RSI*. (Lição de 14 de janeiro de 1975)

Página 129

Figura 6. NBo4 de Freud, com nomeação simbólica

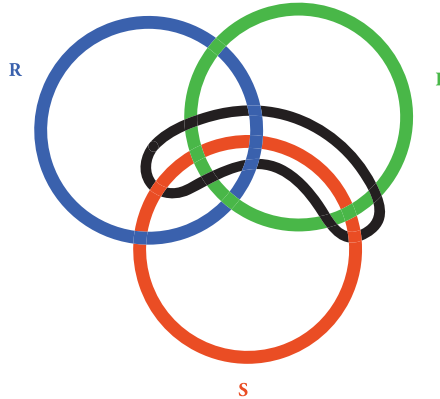
Nominação
simbólica



Fonte: Lacan. *RSI*. (Lição de 18 de fevereiro de 1975)

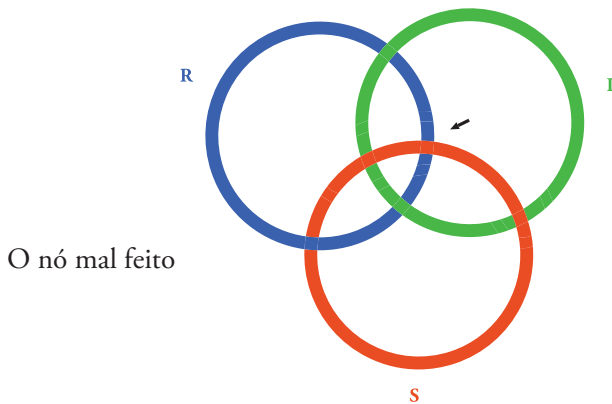
Página 215

Figura 1. NBo4, modo S<R<I com nomeação simbólica



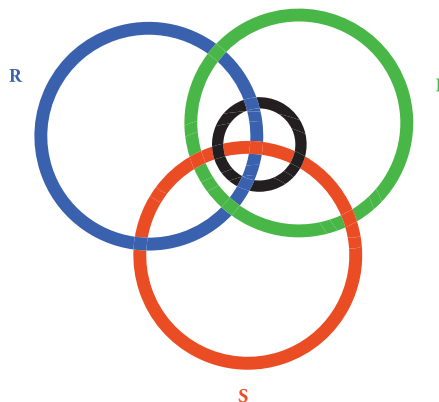
Página 228

Figura 7. Nó em que o Imaginário está livre e o Real e o Simbólico enlaçados



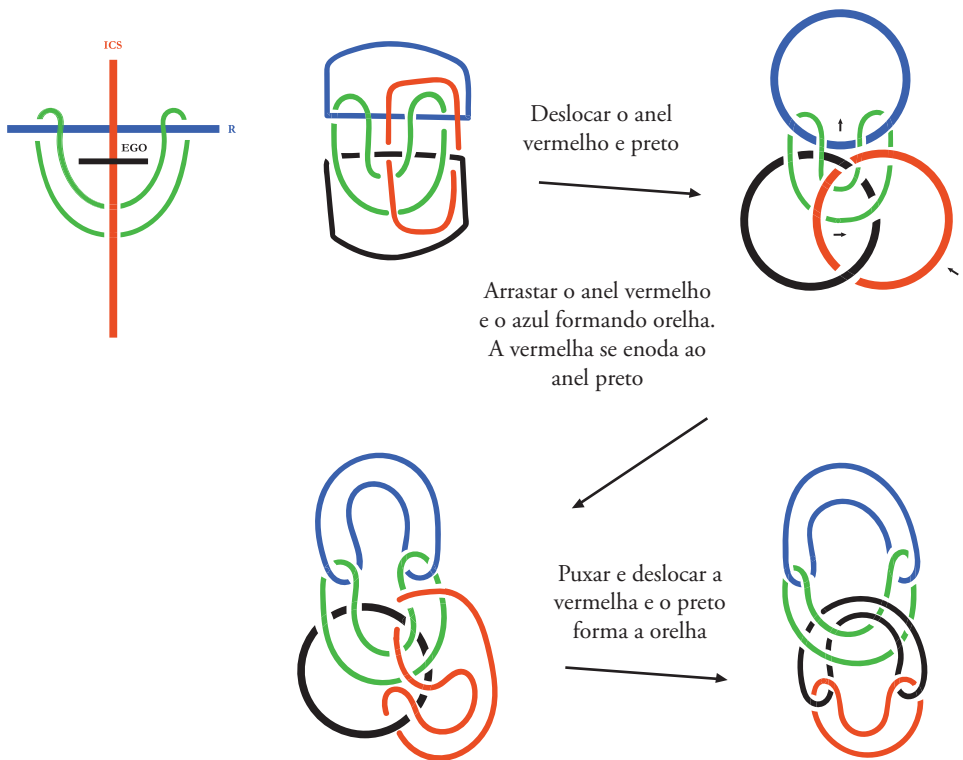
Página 228

Figura 8. Nó do Ego reparador



Página 231

Figura 10. Figura apresentada por Jorge Chapuis do nó borromeano de Joyce



Fonte: Anexo 1 de *Paso a paso 2*, p. 242.